



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17814 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

## GÊNEROS E SEXUALIDADES NA TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Susy Kelly Azevedo de Melo - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Jónata Ferreira de Moura - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Leandro de Almeida Costa - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

## **GÊNEROS E SEXUALIDADES NA TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

---

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente resumo expandido comunica uma pesquisa biográfica-narrativa, em andamento, apresentando os primeiros achados sobre gêneros e sexualidades na trajetória de vida, formação e no exercício da docência de professoras da Educação Infantil, e tem a seguinte questão: De que modo a temática gêneros e sexualidades se apresenta na história de vida, na formação e nas práticas pedagógicas de professoras da Educação Infantil de uma rede pública municipal do interior do Maranhão?

Dentre os objetivos da pesquisa, trazemos para este resumo o seguinte: conhecer a trajetória de vida e formação de professoras da Educação Infantil de uma rede pública municipal do interior do Maranhão e a relação que, possivelmente, tiveram ou têm com a temática gêneros e sexualidades.

A investigação tem vínculo com o Grupo de Pesquisa Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem), é de abordagem qualitativa, com utilização de Entrevista Narrativa (EN) (Schütze, 2011) como dispositivo de produção e análise de dados disponibilizados por quatro professoras da Educação Infantil de uma rede pública municipal do interior do Maranhão.

A seguir apresentamos uma breve discussão sobre gêneros e sexualidades e o uso de narrativas nas pesquisas em educação, depois problematizamos os primeiros resultados da investigação em andamento, por fim apresentamos algumas palavras finais.

## **2 DISCUSSÕES SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES E O USO DE NARRATIVAS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO**

Ao buscar a origem etimológica do termo, gênero vem do latim *genus*, e significa “nascimento”, “família”, “tipo”. Já em sua origem grega, *genos* e *geneã*, encontra-se alusão ao sexo, embora só tenha sido associado ao sexo biológico do indivíduo, enquanto sinônimo, por volta do século XV (Scott, 1995).

Gêneros refere-se às características de mulheres, homens, meninas e meninos que são socialmente construídas. Isso inclui normas, comportamentos e papéis associados a ser mulher, homem, menina ou menino, bem como relacionamentos entre si. Como uma construção social, gêneros e sexualidades variam de sociedade para sociedade e podem mudar ao longo do tempo (Louro, 2014).

Segundo Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Independentemente do modelo apresentado, ou da época relatada as relações entre homem e mulher na história ocidental foi exposta constantemente sobre o viés do patriarcado, do poder androcêntrico. Isto quer dizer que, apesar das interpretações sobre gêneros terem intensidades específicas em tempos e espaços diversos, sempre estiveram atreladas ao evento do patriarcado e sua função no controle da sexualidade feminina.

No que se refere ao uso de narrativa, Pineau (2006, p. 41) reflete que “a flutuação terminológica em torno das histórias e relatos de vida, biografias e autobiografias é indicativa da flutuação do sentido atribuído a essas tentativas de expressão da temporalidade vivida pessoalmente”, na qual as experiências vividas precisam ser entendidas de diferentes formas, levando em consideração o tempo e os espaços em que foram vividas e produzidas, para reflexão e problematização das experiências no coletivo.

Sendo assim, as histórias de vida e conseqüentemente as narrativas são marcadas por tais discursos, que nos permitem problematizar sobre essas

realidades e vivências, através das produções narrativas discursivas, como as questões de gêneros e sexualidades, possibilitando investigar como tais discursos e experiências se estabelecem e são vivenciadas.

“O espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência” (Delory-Momberger, 2012, p. 524), sendo essa relação percebida como necessária para o entendimento de como o mundo histórico e social foi construído, a partir de outras perspectivas, que ao longo dos anos foram invisibilizadas e silenciadas por narrativas hegemônicas. Assim, o uso de narrativas em pesquisas em Educação pode auxiliar na compreensão do singular-plural das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, ao proporcionarem a problematização de práticas individuais que estão inscritas na História.

As narrativas produzidas a partir da abordagem acima não só permitem entender a história ou trajetória de vida de determinada pessoa, mais também como seus processos educativos se deram, e os impactos e influências que isso teve/tem em sua formação enquanto sujeito na interrelação entre o pessoal e o profissional.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA EM ANDAMENTO**

A investigação conta com a participação de seis professoras: Julyanne, Paula (pseudônimo), Púrpura (pseudônimo), Iete, Jaqueline e Danielle. Dada a necessidade de delimitação deste texto, problematizamos a EN das duas primeiras professoras.

A EN é um dispositivo proposto por Schütze (2011) que visa reconstruir acontecimentos sociais, a partir da perspectiva dos participantes de uma pesquisa, impressa em suas narrativas e “compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia” (Weller, 2009, p. 05). Corroboramos com Jovchelovitch e Bauer (2012) que a EN é útil em projetos que “combinam histórias de vida e contextos sócio-históricos”.

Dada a especificidade da EN, a preparação é uma etapa importante para conhecer o ambiente de pesquisa e suas particularidades. É nesta etapa que se formula a questão orientada autobiograficamente (Schütze, 2011). Para o presente trabalho, questionamos: Como foi a sua infância, adolescência e vida adulta considerando marcadores de gêneros e sexualidades em sua vida?

Jovchelovitch e Bauer (2012) apresentam as fases de uma EM: Preparação (exploração do campo – leitura de documentos, notas relatos, etc. –, formulação de questões exmanentes e questão central); Iniciação (formulação do tópico inicial para a narração, emprego de auxílios visuais – dispositivos da memória: fotografias, objetos, imagens etc.; Narração central (momento de livre narração, sem interrupções, encorajando o narrador com ações não verbais, formulação de questões imanentes, esperar o momento da coda); Fase de perguntas (não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes, valores ou sobre contradições, mas fazer perguntas de estímulo para explicar casos); Fala conclusiva (parar de gravar e fazer perguntas do tipo “por quê?”

Os materiais auxiliares utilizados para as entrevistas foram o gravador do celular, o caderno de bordo, a caneta esferográfica e o roteiro de entrevista. Antes de iniciar a gravação, os objetivos da pesquisa foram lembrados, as orientações sobre a condução da entrevista e que teríamos a fase de questionamentos e conclusão, de modo que as professoras ficassem livres para narrar suas histórias sem que estivessem preocupadas com o tempo ou possíveis interrupções. O local escolhido foi uma sala fechada, sem circulação de pessoas e preservando-nos ao máximo de interferências externas que pudessem oferecer elementos de distração e desconexão das histórias narradas.

No momento da narração central buscamos adotar a postura do entrevistador que, segundo Jovchelovitch e Bauer (2012), é de cautela, sem pré-conceitos e evitando quaisquer análises durante a narrativa. Durante a narração central buscamos responder as questões imanentes e traduzir as questões exmanentes em imanentes.

As etapas da EN que se seguiram após o gravador desligado foram registradas em diário de campo, com as impressões da pesquisadora a fim de manter um protocolo de memória e síntese de comentários e conteúdos trazidos durante a narrativa central (Autor; Autor, 2017), não foram necessárias perguntas do tipo “por que?” para complementação da análise uma vez que as participantes, em seus relatos, trouxeram importantes fundos situacionais, habituais e socioestruturais de forma clara e bem situada.

Neste sentido, a primeira entrevista foi realizada no dia 13 de junho de 2024 com duração de 45 minutos e a segunda entrevista piloto no dia 18 de junho de 2024 com duração de 51 minutos; transcritas no dia seguinte a cada uma das entrevistas. Após isto, foram textualizadas e enviadas às participantes para leitura e aprovação. Nesta ocasião foi dito a elas que poderiam inserir ou retirar informações, e ainda, se julgassem necessário, realizar uma outra rodada de entrevista. Não houve acréscimos nem retiradas.

O método de análise e interpretação de uma EN proposto por Fritz Schütze é reconstrutivo, pois visa a reconstrução dos eventos e dos processos biográficos do narrador. As etapas da análise criadas pelo sociólogo, foram largamente sistematizadas por vários autores, como Appel (2005), Weller (2009) e Autor e Autor (2017), as quais são: 1. Transcrição detalhada das gravações e registro dos apontamentos realizados após a gravação; 2. Análise formal do texto; 3. Descrição estruturada do conteúdo; 4. Abstração analítica; 5. Análise do conhecimento. 6. Comparação contrastiva; e 7. Construção de um modelo teórico.

Passadas todas as etapas de análise, o que se pretende é identificar pontos de convergência e divergências nas narrativas individuais para identificar trajetórias coletivas. Buscamos “elaborar modelos teóricos sobre a trajetória biográfica de indivíduos pertencentes a grupos e condições sociais específicas” (Weller, 2009 p.10). Assim, encontramos os seguintes aspectos na trajetória das duas docentes: vida pessoal, formação e práticas educativas; estes itens compõem a constituição inicial da construção de um modelo teórico. A seguir tratamos destes itens a partir das narrativas da professora Paula e da professora Julyanne.

Paula é nascida na cidade de São Paulo e veio para a cidade onde a pesquisa foi realizada ainda bebê, é casada, mãe de dois filhos, é docente há 16 anos. Julyanne é natural da cidade onde a pesquisa foi realizada, casada, mãe de dois filhos e é docente há quatro anos. Ambas cursam Pedagogia em universidade federal, fizeram especialização e são concursadas na rede pública municipal.

Os aspectos apresentados no campo da vida pessoal nos fazem refletir até que ponto somos impactados pelo contingenciamento de fatos que nos incomodam, como pode ser observado nas narrativas a seguir:

Eu era muito pequenininha, muito magrinha... Passei todo esse período de adolescência e juventude sem namorar. Era uma coisa que me afligia muito [esse fato de não namorar] e a família pegava muito no meu pé. (Entrevista de Paula)

Eu casei em 2016, aos 20 anos de idade, meu primeiro filho nasceu logo, e depois veio a segunda filha. É um tempo complicado, quando você tem um plano de vida [...] e casa e engata dois meninos um atrás do outro. (Entrevista de Julyanne)

Embora em contextos diferentes, as entrevistadas refletem sobre os impactos e desdobramentos de suas vidas no campo pessoal. Por um lado, Paula atribui a seus aspectos físicos o fato de não ter namorado durante a adolescência e início da vida adulta, demonstrando seu incômodo com o questionamento familiar.

Por outro lado, Julyanne, que tem logo no início da vida adulta a presença do casamento e filhos, reflete sobre a interrupção de seus planos profissionais.

Na formação inicial e continuada, as duas professoras evidenciam que não tiveram formação voltada para os estudos sobre gêneros e sexualidades:

Nos congressos que participei, sempre tinha algum minicurso ou alguma mesa redonda a respeito de gênero e sexualidade, eu escolhia pela curiosidade. E como, até o momento desses congressos, a gente ainda não tinha visto isso na universidade, sempre que tinha oportunidade eu participava para ver. (Entrevista de Paula)

Não lembro de ter alguma orientação ou formação sobre questões de gênero e sexualidade. Eu acho que algum seminário no auditório da Universidade, mas aqueles de quatro horas, só uma palestra... Na formação do município também nunca teve, não é nem falado. (Entrevista de Julyanne)

Percebemos que as discussões de gêneros e sexualidades no ambiente acadêmico são escassas e pontuais, como também já pontuou Silva e Autor (2022). Além disso, na formação continuada o tema também é colocado debaixo do tapete e cercado de tabus e melindres que inviabilizam um trabalho sólido, consistente e sério.

A respeito das práticas docentes, temos um movimento de reflexão e questionamento por parte de Paula, que ao analisar sua prática, enxerga possíveis lacunas em sua formação para tratar da temática de forma segura e confortável para si, e que ao mesmo tempo atenda as crianças junto às quais desenvolve o seu trabalho.

Eu encontrei mais desafio trabalhando na creche nessa questão das crianças começarem a observar o corpo, porque tem o momento do banho. Então, tem um momento em que elas ficam nuas e começam a observar, pegar... É nesse momento que a gente já fica um pouco desconfortável de como lidar. Até hoje eu ainda fico. Eu acho que nós, professoras, precisamos de uma formação mais clara de como lidar com esses momentos em sala de aula, que às vezes nos deixam desconfortáveis [...] Teve uma vez que uma criança, no ano passado, disse: “o fulano tá pegando na minha pepeca”. E aí eu parei o que estava fazendo e fui tentar entender o que é que estava acontecendo. E foi na hora do banho, que as crianças já estavam começando a tirar a roupa. A criança ainda estava de calcinha. Quando eu perguntei para o menino o que estava acontecendo, ele falou: “tia, eu só estava querendo tirar esse bicho que tá aqui”. E tinha alguma coisa do enfeite da calcinha dela. Eu já estava nervosa, porque a primeira coisa que eu penso é que [a criança] ouviu em algum lugar ou assistiu algum vídeo... a primeira reação que eu tenho é de que a criança viu e está reproduzindo. E aí nesse momento eu respirei e falei: ‘vamos ver o que está acontecendo’. E não era nada demais. (Entrevista de Paula)

Na narrativa de Julyanne, por outro lado, apesar da formação inicial e continuada não terem enfatizado esta temática, há um movimento que se destaca em sua prática educativa envolvendo as famílias.

Uma experiência de trabalho que foi especial pra mim foi a do ano passado, das borboletinhas. Foi de um jeito diferente, porque a gente estava pensando o que ia ser trabalhado no sarau, o tema era sobre a natureza, a primavera. Eu pensei: “As crianças amam tanto borboletas e dá pra fazer as cores. Dá pra fazer o poema do Vinícius de Moraes, Borboletas”. Comecei a ensaiar com eles e pensei: “Tá faltando alguma coisa...” Aí eu tive o insight: “Tá faltando o borboletão!” Acho que dá pra trabalhar tantas coisas, a própria questão de gênero. Decidi! “pronto, é isso!”. Pedimos para os pais cozinharem com as crianças, não só o pai, mas quem morava com tio ou com o avô, que eles cozinhassem para a criança observar. Fizemos rodinha de conversa com eles. Foram vários dias trabalhando isso. Achei o máximo os pais participando! E trazer para a apresentação do sarau, de dentro da sala de aula para fora, para ampliar essa percepção. Abordar que não é só o papel da mulher, o cuidado. Que Borboletão também cuida da criança, também cozinha para alimentar a prole, também pode limpar a casa. E nem por isso ele vai deixar de ser Borboletão. E esse ano eu vou fazer de novo! [entusiasmada]. É uma forma de você trabalhar a igualdade de gênero. (Entrevista de Julyanne)

Nestas análises iniciais podemos dizer que fazer pesquisa com narrativas não pode ser visto como uma panaceia universal, como nos alerta Josso (2007) e Autor (2023). Investigações que têm como suporte teórico-metodológico a abordagem biográfico-narrativo

se apresentam como *uma via de conhecimento* que enriquece o repertório epistemológico, metodológico e conceitual dos educadores, terapeutas e outros profissionais da relação e das transações sociais (como a mediação, por exemplo). Ela enriquece também nosso repertório de “pessoas comuns”, permitindo-nos desenvolver uma consciência do si individual e coletivo mais sutil. (Josso, 2007, p. 437, grifos da autora)

Estes destaques foram percebidos nas narrativas das professoras e vamos aprofundar e, certamente, encontrar tantos outros que tratem e/ou tangenciam as discussões de gêneros e sexualidades na trajetória de vida, formação e nas práticas das docentes entrevistadas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O texto apresenta a análise da entrevista de duas professoras que participaram da investigação em andamento. Podemos dizer que a pesquisa tem demonstrado eficácia do método e do dispositivo de geração e análise de dados, pois tem sido possível reconstruir contextos de formação profissional, práticas educativas e história de vida de professoras que atuam na Educação Infantil.

Nas primeiras análises podemos destacar que na formação das docentes não houve discussões e/ou estudos disciplinares sobre a temática, e práticas educativas que abordam relações de gêneros e sexualidades ainda são cautelosas.

## REFERÊNCIAS

APPEL, Michael. La entrevista autobiográfica narrativa: fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum Qualitative Social Research**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 1-35, 2005. Disponível em: <http://www.qualitativerecherche.net/fqs-texte/2-05/05-2-16-s.htm>. Acesso em: 30 maio 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17 n. 51 set.-dez. p. 523 – 536. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Acesso em: 15 mar. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2741/2088>. Acesso em: 20 nov. 2015.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som um manual prático**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

Autor

Autor

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329–343, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qDP39>. Acesso em: 02 dez. 2022.

Autor

WELLER, Wivian. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise das narrativas segundo Fritz Schütze. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPeD, 32. 2009, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPeD, 2009. p. 1-16.